

19 JUL 1984

Simonsen acredita num prazo de 4 anos

Heitor Tepedino

Nova Iorque — O "pacote" financeiro do equacionamento da nossa dívida externa que o governo brasileiro irá negociar este ano com os banqueiros internacionais, abrangerá os próximos quatro anos a partir de 1985, segundo a opinião do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que se encontra em Nova Iorque participando da reunião mensal do Citicorp. Para Simonsen, este deve ser o mesmo prazo de negociação que o México irá conseguir, embora o governo mexicano esteja pleiteando fechar uma operação envolvendo seis anos.

Simonsen disse, ainda, que neste momento a economia brasileira deveria recomeçar a apresentar resultados positivos com um crescimento saudável. A seu ver, isto seria alcançado através de um programa de desindexação, o que faria a inflação baixar em curto prazo e logo se acomodar em um patamar bem inferior ao atual. O ex-ministro enfatizou que, nesta fase, o Brasil está com o problema da dívida externa praticamente normalizado, com os créditos necessários para o fechamento do balanço de pagamentos, o que significa que, hoje, o obstáculo para a economia voltar a crescer é a inflação.

Quanto à negociação da dívida externa brasileira, Simonsen acha que não existe nenhuma incompatibilidade em que o atual governo faça um novo acordo com os banqueiros internacionais, levando-se em conta que no início do próximo ano outros governantes passam a dirigir o país. Acentuou que os programas traçados são revisados de três em três meses pelo Fundo Monetário Internacional, o que quer dizer que modificações podem ser feitas sem nenhum trauma, caso o novo governo pretenda estabelecer alguma inovação na área econômica.

Tendo participado de várias homenagens de despedida do ex-dirigente do Citicorp, Walter Wriston — considerado um dos papas do mundo das finanças internacionais — Simonsen disse que não constatou nenhuma preocupação entre os banqueiros com perspectiva de que Tancredo Neves venha a se tornar o presidente do Brasil. Os banqueiros conhecem a vida pública do governador mineiro, existindo o convencimento de que como político profissional deverá manter as negociações na área internacional.

juros e amortizações através de bônus do Tesouro Federal e de empresas estatais, Simonsen disse que não vê nenhum inconveniente nesta operação. Ponderou que é preciso primeiro conhecer a filosofia dos banqueiros suíços, ver como negociam. O ex-ministro esclareceu que os suíços preferem negócios com lucros a longo prazo do que imediatos, mantendo-se o nível normal dos lucros dos seus bancos, principalmente para evitar resultados anormais frente o imposto de renda daquele país. Quanto à diferença cambial, Simonsen disse que as perspectivas futuras da moeda podem ser estudadas.

Inflação

Em relação à relutância da queda da inflação brasileira, Simonsen voltou a defender a desindexação gradual da economia como forma de redução inflacionária. No entanto, o ex-ministro acredita que tal programa deve ser feito de forma lenta mas abrangendo todos os segmentos da economia. Simonsen não acredita em obtenção de resultados quando o governo implementa a desindexação em certas faixas salariais deixando as demais fora da medida. Para ele, todas as áreas devem ser proporcionalmente atingidas pela política de desindexação sem forçar excessivamente a sua execução, pois assim se acabará conseguindo fazer a inflação ceder.

Por outro lado, Simonsen também acha que o governo teria condição de agir com mais rigor na política de reajuste de preços, lembrando que quem determina esses reajustes é o próprio governo. Assim, depende de uma decisão governamental a inversão mais efetiva da escalada dos índices de preços. Entretanto, o ex-ministro ressaltou que nesta área sempre existem as pressões dos setores produtivos, o que dificulta o trabalho do governo, porque cada um quer a maior faixa de reajuste para a sua esfera empresarial.

A teoria da desindexação gradual e abrangente de Simonsen, é partilhada pelo ministro Ernane Galvães quando afirma que ou se faz uma desindexação envolvendo tudo ou não se faz nada. Tal colocação parece que está ganhando terreno dentro do governo, principalmente porque a inflação mantém-se das mais renitentes, sem qualquer sinal de inversão absoluta da tendência de alta.

Concluindo, Simonsen acrescentou que esta política de desindexação tem de ser tra-

Quanto à proposta do presidente da União dos Bancos Suíços, Robert Holzach, feita ao ministro Ernane Galvães, da Fazenda, de conversão da dívida brasileira junto aos bancos daquele país em francos suíços e de pagar-se parte dos

balhada concomitantemente com políticas fiscal e monetária compatíveis, estando conveniente de que com um esforço geral, se acabará obtendo resultados em termos de redução da inflação, o que permitiria a volta do crescimento da economia brasileira.

Arquivo



Para Simonsen, o único obstáculo continua sendo a inflação